

# Che Guevara: uma chama que continua ardendo

MICHAEL LÖWY & OLIVIER BESANCENOT  
*Editora UNESP, 2009, 150p.*

*Fabio Mascaro Querido\**

Nas *teses sobre o conceito de história*, Walter Benjamin nos ensinou que a memória do passado – a tradição dos oprimidos – constitui uma fonte de inspiração inesgotável para as lutas revolucionárias do presente, concentradas no “tempo-de-agora”. Não há luta pelo futuro sem memória do passado. Pois bem: encontra-se precisamente aí uma das principais razões da importância e da vitalidade do mais recente livro de Michael Löwy (redigido em companhia de Olivier Besancenot, um dos principais dirigentes do *Nouveau Parti Anticapitaliste*, na França), dedicado à complexa tarefa de resgatar “a contribuição de Ernesto Che Guevara para o socialismo do século XXI” (p.8), este “vencido da história” que, após sua captura e morte pela ditadura boliviana (apoiada pela CIA) em 1967, transformou-se em uma das principais referências política e moral da esquerda revolucionária na América Latina.

Em *Che Guevara: uma chama que continua ardendo*, Michael Löwy e Olivier Besancenot acentuam a dimensão radicalmente humanista do marxismo de Che, especialmente a “imagem que tinha do socialismo, do ‘homem novo’ [e] da sociedade enfim emancipada do pesadelo capitalista” (p.7). Em linguagem clara e concisa, os autores nos apresentam um Che que *vive*, que resistiu à *débâcle* da

---

\* Mestrando em Sociologia. UNESP – Araraquara.

ortodoxia stalinista e que, por isso mesmo, fornece elementos indispensáveis para a “refundação cultural e política” de uma perspectiva socialista para o século XXI.

Desde suas primeiras viagens pela América Latina, ao final da década de 1940, Che Guevara alimentou uma forte consciência humanista, revestida por uma sensibilidade anti-imperialista radical, “primeira mola propulsora de seu engajamento”, segundo assinala Daniel Bensaïd em um texto anexado ao livro. Desde então, até seu assassinato na Bolívia em 1967, a revolta e a indignação contra as desigualdades e contra os conquistadores – passados e contemporâneos – transformou-se progressivamente em desejo de revolução social, como se pode ver no primeiro capítulo do livro (denominado *Uma noite, em algum lugar, na Bolívia*).

Não por acaso, como bem destacam os autores no segundo capítulo (intitulado *Um marxista humanista ou o combate por um comunismo de feições humanas*, e talvez o mais interessante do livro), o marxismo de Che Guevara construiu-se como um pensamento aberto, como um canteiro de obras sempre inacabado, tal como o próprio projeto revolucionário. “Libertar a humanidade de suas correntes lutando contra a alienação individual, defendendo valores éticos, eis o aporte original de Che ao marxismo” (p.32). O socialismo, para ele, como uma “paisagem-de-desejo” utópica (Ernst Bloch), significava antes de tudo o combate por um outro projeto de civilização.

Lutando ao mesmo tempo contra a miséria e contra a alienação, a revolução social expressa, em Che, um processo de autoemancipação das classes subalternas. As revoluções “são o resultado da intervenção da humanidade sobre seu próprio destino. Intervenção consciente, individual e coletiva” (p.36). Elas implicam, portanto, a práxis revolucionária das classes oprimidas, em um processo no qual – como já afirmara Marx na terceira tese sobre Feuerbach – a mudança das circunstâncias objetivas coincide com a transformação da consciência coletiva e individual dos homens, com a gestação histórica de um “homem novo”. Para Che, como para Rosa Luxemburgo décadas atrás, trata-se de “mudar o homem para mudar a sociedade, e vice-versa” (p.41).

Na obra e na vida de Che Guevara – conforme observam os autores no terceiro capítulo –, a defesa apaixonada de uma ética revolucionária combinava-se com uma apreciação concreta da situação econômico-social, política e militar da América Latina de seu tempo. Desta “análise concreta da situação concreta” latino-americana decorreu, por exemplo, a sua aposta na guerra de guerrilhas (*foquismo*) não como um modelo universal abstratamente pressuposto, e sim como o instrumento de luta mais adequado para as condições específicas da América Latina. Emergiu daí, do mesmo modo, a sua insistência no caráter socialista da revolução latino-americana (“ou revolução socialista ou caricatura de revolução”, dizia Che, p.71), assim como a consequente recusa da possibilidade de existência concreta de “burguesias revolucionárias” nos países periféricos (“elos débeis da cadeia imperialista”), tal como sustentavam os partidos comunistas da região.



Todavia, o socialismo latino-americano preconizado por Che não poderia ser “nem imitação nem cópia” do modelo e da ideologia burocrática da URSS. Como José Carlos Mariátegui, Che Guevara defendia a necessidade de um novo socialismo, isto é, “de um tipo de socialismo diferente, sob vários aspectos radicalmente oposto à caricatura burocrática ‘realmente existente’” (p.74). Essa postura crítica para com o socialismo vigente na URSS manifestou-se principalmente desde os anos 1963-64, em sua polêmica – apoiada por Ernest Mandel – com os partidários do modelo econômico soviético, aprofundando-se nos anos de 1965-66 em suas *Notas críticas ao Manual de economia política* da Academia de Ciências da URSS, publicadas somente em 2006. Nessas “notas”, segundo nos revelam Löwy e Besancenot no quarto capítulo, Che Guevara defende o planejamento democrático como uma ferramenta voltada para a superação das relações – *fetichizadas* – de mercado e do predomínio da lei do valor, consideradas insuperáveis e independentes da vontade humana pela ortodoxia stalinista.

Qual a atualidade desse legado para as lutas sociais do presente e para a constituição teórica e política de uma perspectiva socialista para o século XXI? É o que se propõem a responder os autores nos dois últimos capítulos (quinto e sexto). Para Michael Löwy e Olivier Besancenot, após sua influência direta nas lutas contra as ditaduras militares latino-americanas, o humanismo internacionalista de Che Guevara manteve-se como um dos ingredientes do “novo internacionalismo do século XXI” que, desde o Encontro internacional pela humanidade e contra o neoliberalismo nas montanhas de Chiapas, no México (em 1996), espalhou-se por todo o movimento “altermundialista”, dos zapatistas ao MST, da Via Campesina ao Fórum Social Mundial, na luta contra a mercantilização do conjunto da vida social (“o mundo não é uma mercadoria”).

Muito embora façam algumas críticas ao pensamento político de Che Guevara (“o pensamento de Guevara conhece limites. Ele é em parte incompleto e inacabado”, p.48), os autores destacam aqueles elementos que, na obra do revolucionário argentino, podem dialogar com o presente, com a modernidade capitalista ainda existente. Para além do seu vanguardismo – consequência do caráter necessariamente clandestino da luta contra as ditaduras militares daquele período –, o que os interessa na figura de Che é, sobretudo, seu compromisso apaixonado com a perspectiva anticapitalista, sua recusa radical de toda forma de reconciliação com a realidade, temas ainda candentes para o movimento socialista do século XXI. Para alguns (especialmente aqueles para os quais a história – dos vencedores – é um conjunto bruto de fatos “objetivos”), tal procedimento “seletivo” pode parecer um tanto arbitrário. No entanto, ele revela, por parte dos autores, uma leitura do passado que, como não poderia deixar de ser, é orientada explicitamente pelas lutas do presente e por uma *aposta* no futuro. É por isso que, para Löwy e Besancenot, “a mensagem de Che, 40 anos mais tarde, contém um núcleo incandescente que continua a arder” (p.98).



QUERIDO, Fabio Mascaro. Resenha de: LÖWY, Michael; BESANCENOT, Olivier. Che Guevara: uma chama que continua ardendo. São Paulo, Ed. Unesp, 2009, 150p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.30, 2010, p.135-137.

***Palavras-chave:*** Che Guevara; Marxismo; Imperialismo.